



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## **IGREJA DO ROSÁRIO DOS PRETOS: MAGNO PATRIMÔNIO CULTURAL DA POPULAÇÃO NEGRA DE PETRÓPOLIS.**

*IGLESIA ROSÁRIO DOS PRETOS: MAGNÍFICO PATRIMONIO CULTURAL DE LA  
POBLACIÓN NEGRA DE PETRÓPOLIS.*

*ROSÁRIO DOS PRETOS CHURCH: MAGNIFICENT CULTURAL  
HERITAGE OF THE BLACK POPULATION OF PETRÓPOLIS.*

Roberta dos Santos Gregório Neves<sup>1</sup>

Henrique Antunes Cunha Junior<sup>2</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a Igreja do Rosário dos Pretos, em Petrópolis/RJ. Idealizada por seis ex-escravizados – que formaram inicialmente a Irmandade do Rosário e de São Benedito – o grupo angariou fundos para construir uma capela, em 1883, num importante terreno do centro histórico da cidade. A comunidade paroquial se tornou tão grande que chegou a incomodar os líderes da Catedral de Petrópolis. Buscamos apresentar as principais características atuais e do passado que envolvem a história da Igreja do Rosário e, ao mesmo tempo, questionar os motivos que levaram a destruição da capela original; o misterioso fim da Irmandade nos anos 70 e a consequente ocultação da memória negra petropolitana, sobre esse imponente patrimônio religioso e histórico da cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** arquitetura; irmandades; patrimônio; cidade afrodiaspórica; racismo institucional.

### **RESUMEN**

El presente trabajo tiene como objetivo presentar la Iglesia del Rosario dos Pretos, en Petrópolis/RJ. Concebido por seis antiguos esclavos – que inicialmente formaron la Hermandad del Rosario y San Benito – el grupo recaudó fondos para construir una capilla, en 1883, en un importante terreno en el centro histórico de la ciudad. La comunidad parroquial llegó a ser tan grande que molestó a los dirigentes de la Catedral de Petrópolis. Buscamos presentar las principales características actuales y pasadas que involucran la historia de la Iglesia del Rosario y, al mismo tiempo, cuestionar los motivos que llevaron a la destrucción de la capilla original; el misterioso fin de la Hermandad en los años 70 y el consiguiente ocultamiento de la memoria negra de petropolitana, sobre este imponente patrimonio religioso e histórico de la ciudad.

**PALABRAS CLAVE:** arquitectura; hermandades; patrimonio; ciudad afrodiaspórica; racismo institucional.

<sup>1</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora  
[roberta.dossantosgregorio@gmail.com](mailto:roberta.dossantosgregorio@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor visitante da Universidade Federal da Bahia. Professor Titular da Universidade Federal do Ceará. Membro do Instituto de Pesquisa da Afrodescendência – IPAD.  
[hcunha@ufc.br](mailto:hcunha@ufc.br)



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## **ABSTRACT**

The present work aims to present the Church of the Rosary of the Blacks, in Petrópolis/RJ. Conceived by six former slaves – who initially formed the Brotherhood of the Rosary and Saint Benedict – the group raised funds to build a chapel, in 1883, on an important plot of land in the historic center of the city. The parish community became so large that it bothered the leaders of the Petrópolis Cathedral. We seek to present the main current and past characteristics that involve the history of the Rosário Church and, at the same time, question the reasons that led to the destruction of the original chapel; the mysterious end of the Brotherhood in the 70s and the consequent concealment of petropolitan's black memory, about this imposing religious and historical heritage of the city.

**KEYWORDS:** architecture; brotherhood; heritage; afrodiasporic city; institutional racism.

## **1. HISTÓRIAS, FATOS, FESTAS E MÍDIAS FAZEM A IDENTIDADE OFICIAL DA CIDADE**

Patrimônios culturais são elementos da realidade visível ou invisível que produzem o reconhecimento da existência de uma população e que produzem os sentimentos de identidade e pertencimento a cidade (SANTOS, 2020). Dado a validade dessa afirmação duas perguntas nortearam a pesquisa: A população negra não se sente participante da cidade. Por quê? Como se processam em Petrópolis os símbolos urbanos que produzem as identidades?

A Igreja do Rosário, no centro de Petrópolis, não é identificada como parte da história das populações negras na cidade. Somente pesquisadores fazem a relação da Irmandade Negra do passado e a monumental igreja do presente. Portanto, existe uma operação política histórica a ser compreendida.

Na documentação oficial e divulgada pela municipalidade, a cidade é de origem de alemães imigrados em 1845, sendo desenvolvida a marca de cidade do Imperador, do seu palácio e das tradições da corte imperial, destacando a inexistência de escravizados, especialmente por parte da Família Imperial. Consta da história divulgada que o Imperador não possuía escravizados. O projeto urbanístico elaborado por um engenheiro alemão compreendia a proposta a criação de um núcleo de povoamento com trabalhadores livres - denominada "Povoação Palácio de Petrópolis", que compreendia



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

a doação de terras da antiga fazenda imperial a colonos livres, que iriam não só erguer a nova povoação, mas, também, seriam produtores agrícolas para abastecer a colônia (MUSEU IMPERIAL, 1942, p. 13-14). Portanto, em Petrópolis, não existiria o escravismo criminoso.

Essa desmistificação da história local já foi realizada no trabalho de Renata Aquino (2018). Decorrente dessa mudança sobre o enfoque histórico e discutindo as Afroinscrições<sup>3</sup> da cidade de Petrópolis é que agora discutimos a produção da percepção e das operações sobre a Igreja do Rosário, que foi retirada a denominação do Rosário dos Homens Pretos.

Esse artigo tem como objetivo apresentar a Igreja no Presente. Depois apresentar a Irmandade e a Igreja no Passado e discutir como foi processado a relação entre o passado e o presente no sentido da descaracterização da igreja no imaginário da cidade de Petrópolis como um patrimônio cultural da população negra. Trata-se de um artigo sobre a produção da cidade e os meandros da política racista antinegra de descaracterização dos legados das populações negras.

## **2. A IGREJA DO ROSÁRIO EM PETRÓPOLIS: UMA FOTOGRAFIA DO PRESENTE**

A Igreja do Rosário, em Petrópolis, é um belíssimo patrimônio negro situado entre a rua do Imperador (a principal rua do centro histórico) e o início da rua Floriano Peixoto. Sua arquitetura, em estilo neocolonial, é uma imponente edificação que compõe a paisagem do centro da cidade, situada ao lado de o outro patrimônio histórico, o antigo Mercado Municipal. Em frente, temos a praça da Inconfidência (que já sediou a principal fonte de água potável do centro), seguida da antiga estação ferroviária, que atualmente abriga o terminal interurbano municipal. Do alto de sua torre, é possível ter uma vista panorâmica

---

<sup>3</sup> A pesquisadora Renata Silva (2018) considera afroinscrição todo registro documental, material ou imaterial da presença africana ou afrodescendente numa determinada localidade.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

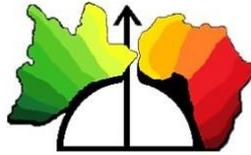
do centro histórico e de um dos principais rios da cidade, o Palatinado. Todos esses elementos arquitetônicos podem ser observados na figura 1.



Figura 1 – A atual Igreja do Rosário em Petrópolis/RJ: primeira imagem vista frontal, segunda imagem vista a partir da torre, no canto centro-esquerda da foto parte da antiga estação ferroviária Leopoldina. (ROSÁRIO NEGRO, 2023).

Sua localização geográfica é muito interessante, no passado essa era a porta de entrada para a cidade, pois a Estação de Ferro da Leopoldina ficava a poucos passos da Igreja, que certamente, era vista por todos que assim chegavam na cidade.

Apesar da importância geo-história de sua localização, o racismo antinegro tratou de imprimir nas mentes da população da cidade uma certa antipatia e hostilidade com relação a essa parte do centro. Geralmente essa região é confundida com o final da rua do Imperador (ou final da avenida, como os petropolitanos costumam chamar a rua do centro da cidade), mas a numeração da rua do Imperador começa exatamente a partir da Igreja do Rosário. Além disso, o lugar é reconhecido como malcheiroso (uma lembrança do cheiro proveniente do mercado público municipal que ficava ao lado, entretanto ele já não existe). A praça, embora belíssima e ponto de encontro de manifestações políticas e de saúde pública, passou a ser área de abrigo de populações



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

em situação de rua. Por décadas essa região foi abandonada das ações de conservação e revitalização do poder público municipal.

A Igreja datada de 1883 sofreu uma grande reforma entre os anos de 1953 e 1978, quando passou a pertencer a Cúria Diocesana de Petrópolis. A obra, liderada por Monsenhor Gentil, descaracterizou a arquitetura original, sob a alegação de que a Igreja precisava de uma expansão e revitalização. Adentrando a igreja, percebemos que a estrutura inicial da nave (o templo), parece não ter sido totalmente comprometida, pois seus pilares ainda parecem ser originais. Mas aparentemente houve modificações: 1) no teto, que ficou mais elevado e com uma longa torre; 2) nos fundos, hoje a Igreja abriga uma escola conveniada à Prefeitura, denominada Escola Municipal Monsenhor Gentil; 3) nas laterais para abrigar, de um lado, a secretaria paroquial e, do outro, uma área dedicada a materiais de devoção; por fim, 4) na fachada, que agora abriga uma imagem de Nossa Senhora do Rosário branca, num mural azulejado na entrada da Igreja.

No interior, no lugar das afroinscrições, que certamente existiam no passado, um grande busto do Monsenhor Gentil foi colocado na entrada à esquerda da nave e pinturas sacra que remetem a Nossa Senhora do Rosário foram pintadas apenas sobre o altar. Também constam cerâmicas com as cenas da via Sacra, ao lado dos vitrais das janelas do templo.



Figura 2 – Vista interna do atual templo religioso da Igreja do Rosário em Petrópolis/RJ e busto em homenagem ao Monsenhor Gentil (Registro dos Autores)



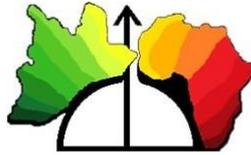
**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**

A criminosa reforma de um importante patrimônio negro, datado do final do século XIX, sem nenhuma intervenção do Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN), em uma importante cidade histórica, como Petrópolis, nos evidencia o racismo institucional que perpetuou no Brasil pós-abolição, em pleno regime democrático, após a implementação do Estado Novo. Contudo, não bastasse a famigerada reforma sem nenhuma proteção do IPHAN, ainda encontramos mais uma pista do racismo estrutural e institucional por parte da Cúria Diocesana.

Em uma atividade pedagógica junto com estudantes secundaristas do Curso Normal sobre afroinscrições em Petrópolis, uma estudante (que foi aluna da Escola Monsenhor Gentil durante a infância) nos relatou que a Igreja abrigava restos mortais da primeira Santa Africana canonizada pela Igreja Católica – a Santa Bakhita. De fato, quando entramos na Igreja, ao lado direito encontramos a foto de Bakhita num pedestal e, ao lado, uma mesinha com sua oração. Conforme figura 3, a seguir, que mostra imagens reais da santa que nasceu no final do século XIX e viveu até 1947, ano de sua morte, bem como a homenagem à santa, na Igreja do Rosário em Petrópolis.



Figura 3 – A irmã Bakhita em fotos oficiais (em preto e branco) na Congregação das Irmãs Canossianas Disponível em: <https://ambientesecostumes.wordpress.com/2018/10/08/bakhita-a-afortunada/> A última foto (colorida) foi retirada no interior da Igreja Nossa Senhora do Rosário em Petrópolis. A esquerda de seu quadro, em laranja, a oração de Santa Bakhita, ao lado da oração de São Benedito (Registro dos autores).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Tal descoberta nos aguça a pesquisar sobre essa geografia que conecta Petrópolis ao Sudão e ao Oriente Médio, mas também à cidade italiana de Schio, onde estão os restos mortais da santa que pertencia à ordem religiosa das Irmãs Canossianas, na Itália.

A sudanesa Bakhita, foi sequestrada e escravizada aos 5 anos de idade por árabes, no final do século XIX e levada para o Oriente Médio. O trauma do sequestro, em pleno momento de lazer quando brincava com seus irmãos na floresta, a fez esquecer de seu nome. Seus raptos passaram a chamá-la, ironicamente, de '*Bakhita*' que em árabe significa "a afortunada". As crueldades vivenciadas durante o período de escravização foram tão traumáticas que geraram um profundo silenciamento da africana. Ela desenvolveu um enorme senso de observação, uma forma de sobrevivência dedicada ao cuidado e a benevolência, que acaba chamando a atenção de pessoas letradas. Depois de muito sofrimento, Bakhita é levada por um suposto benfeitor (mas ainda escravizada) até a Itália. Lá ela conhece o cristianismo católico, se converte e luta pela liberdade alegando que dedicaria sua vida à Jesus. Dessa forma, Bakhita consegue a proteção da Igreja Católica Italiana, que denuncia a prática da escravidão na Itália, quando já não mais era permitida no país. Batizada no catolicismo como Josefina Bakhita – a *Irmã Moreta ou Madre Moreta* – a sábia africana dedica o resto da sua vida a congregação das Irmãs Canossianas, a cuidar do povo da cidade de Schio. Logo se torna uma referência, não somente para sua irmandade, como para toda a Itália Católica. Bakhita era tão exemplar e tão querida que, na ocasião de sua morte, mais de 6 mil pessoas compareceram ao seu velório e enterro na Itália. Ela é um exemplo para o cristianismo pois perdoou os seus algozes e apesar do imenso sofrimento vivido em sua infância e juventude, levou uma vida com leveza, humor e dedicação ao próximo. Por amorosidade e simplicidade da fé – chamava Deus de "O Patrão" – se tornou uma santa muito popular. (WALLACE, 2008).

A história sobre a existência de relíquias com os restos mortais de Josefina Bakhita na Igreja do Rosário de Petrópolis ainda é um pouco nebulosa. Segundo relatos de um padre muito carismático na cidade, que se apresenta como filho de Bakhita, as relíquias



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

da santa chegaram com um grupo de irmãs italianas da Ordem das Canossianas, entre elas, estava a postulante do pedido de canonização de Bakhita – a Irmã Gianna. Tais freiras vieram para a cidade a pedido de um padre italiano, muito renomado, que cuidou da grande Paróquia de Santo Antônio, até sua morte. Tais irmãs deram uma relíquia de primeira ordem ao padre entrevistado. Ele também nos relatou que Santa Bakhita foi a santidade mais citada em documentos papais do Vaticano, tendo dois documentos realizados pelo papa Bento XVI. Mas, nos impressionou saber que o próprio padre, que é devoto da Santa Bakhita, não sabia da existência de uma relíquia, da sua Santa mãezinha, na Igreja do Rosário, em Petrópolis.

Em contato com a secretaria da paróquia, confirmamos que foram as Irmãs Canossianas que doaram a relíquia para a Igreja. No final do período de cerca de 5 anos em que elas ficaram na cidade, muito gratas ao acolhimento que tiveram, as freiras deixaram como presente, uma relíquia de segundo grau para a Igreja do Rosário, já que essa ordem religiosa é mundialmente reconhecida como aquela que acolhia as populações negras católicas no período do escravismo criminoso (CUNHA JÚNIOR, 2023). Também pelo fato de que Bakhita se tornou a Padroeira dos escravizados, pois segundo os relatos de sua biografia, todos os dias de sua vida religiosa, Bakhita se dedicou a rezar pelos escravizados do planeta (WALLACE, 2008).

Entretanto, ao visitar a Igreja do Rosário em Petrópolis, não é possível avistar as relíquias da santa. Não está nem no oratório dedicado a ela, nem em outro local visível do templo. Segundo informações obtidas pelos jornais locais e na secretaria paroquial, as relíquias foram colocadas, ou melhor, cravadas, na mesa do altar de mármore da Igreja. Como essa mesa está sempre coberta com uma toalha, não é possível avistar nem ter acesso à relíquia.

O que nos faz questionar: Por que as relíquias de uma Santa, tão adorada e tão carismática, foi colocada na mesa do altar? Para ficar constantemente escondida sob as toalhas? Por que essa doação não foi divulgada de forma mais contundente nem para



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

os padres de nossa cidade, especialmente, para aqueles que dedicam sua conversão e ordenação à Bakhita, a primeira e única santa africana? Sabemos que a única reposta possível se encontra no fascismo da cor (SODRÉ, 2023) de nosso país, que se perpetua desde os tempos do escravismo criminoso até os dias atuais, de forma muito contundente, na cidade que insiste em se intitular de Imperial.

### **3. A IGREJA DO ROSÁRIO NO PASSADO: APRESENTANDO A IRMANDADE DO ROSÁRIO DOS HOMENS PRETOS E DE SÃO BENEDITO & SUAS ORIGENS.**

Em meados de 1870, surge na cidade de Petrópolis uma associação negra denominada Devoção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. O Conselheiro Joaquim Firmino Pereira Jorge<sup>4</sup> em 23 de junho de 1882, um ano antes de sua morte, fez uma carta-testamento doando o terreno situado entre a famosa rua do Imperador e o início da atual Floriano Peixoto, para a construção da capela, em conjunto com sua esposa Domitila Francisca<sup>5</sup>.

Na carta-testamento de doação do Conselheiro, foram citadas 7 pessoas que seriam os herdeiros do terreno e organizadores da irmandade de Nossa Senhora do Rosário em Petrópolis: *Severina Cyriosa Torres, Francisca de Iguape Arinos, Benedicto Martiniano, Antônio Jorge, Orozimbo dos Santos, Anna Jorge e Olympia Teixeira da Silva*. Todos foram escravizados e conquistaram sua liberdade somente após a morte do Conselheiro. Segundo a carta, ganharam a apólice do terreno pelos belos serviços prestados, e este só poderia ser alienado caso fossem para o serviço militar ou para obtenção da liberdade de algum parente de 1º grau dos herdeiros, caso estivessem escravizados. A única exceção era o caso de dona *Severina Cyriosa Torres*, cuja herança da irmandade seria deixada para seu filho (na época ainda criança), podendo ser convertida em

---

<sup>4</sup> Joaquim Firmino foi um renomado abolicionista – que foi juiz, chefe de polícia de São Paulo, desembargador do Rio de Janeiro e ao final da carreira se tornou Conselheiro do Império, tinha terrenos e casa de segunda residência em Petrópolis (CARDOSO, 1881, p. 32).

<sup>5</sup> Domitila Francisca de Abreu Pereira Jorge, que era dama de companhia (sem exercício efetivo) da Princesa Isabel (CARDOSO, 1881, p.32).



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

investimentos para sua educação e carreira. A figura 4 mostra a planta baixa do terreno adquirido pela Irmandade em 1878, situado em área nobre da cidade, na rua do Imperador.

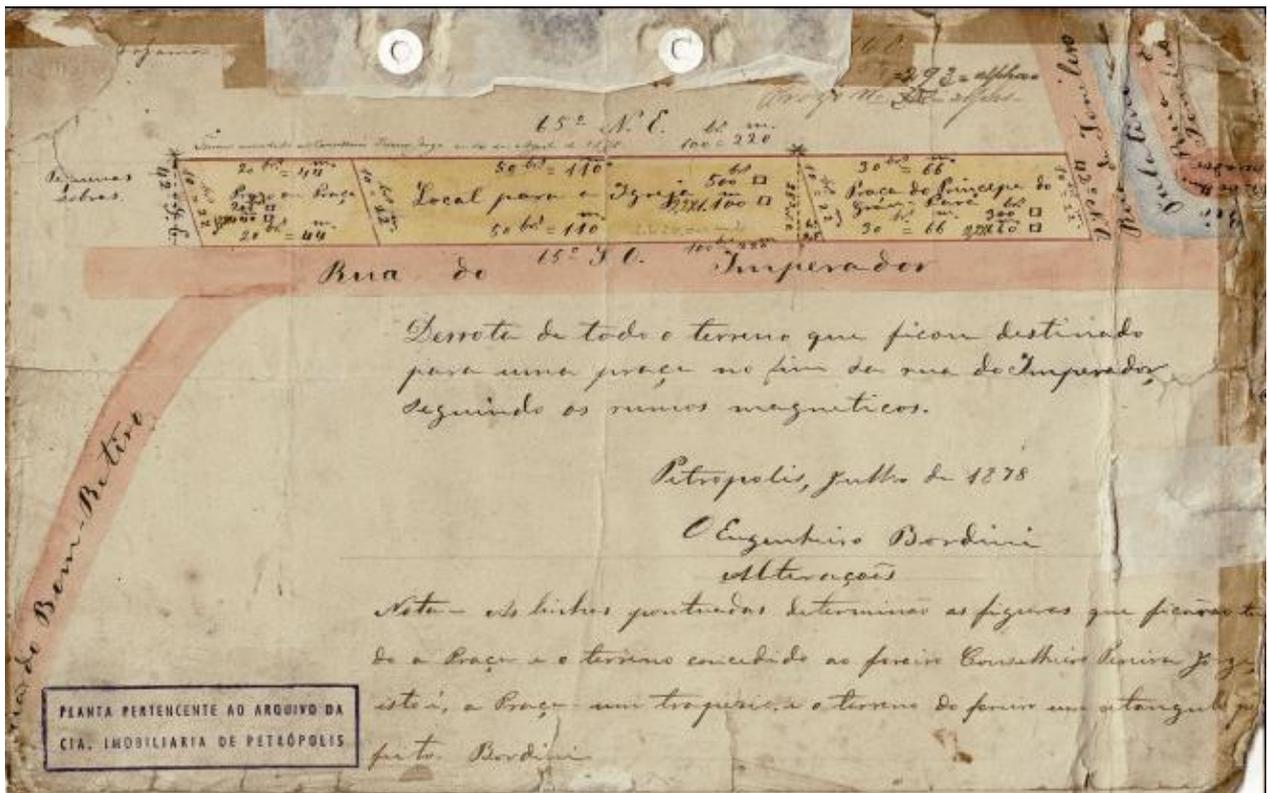


Figura 4 - Planta baixa do terreno adquirido pela Irmandade do Rosário e de São Benedito, em 1878.

Benedicto Martiniano, foi escolhido pelo grupo como o procurador de devoção da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Por meio de festas em honra à padroeira feita pela referida devoção e com o auxílio de arrecadação em eventos beneficentes, a capela de Nossa Senhora de Rosário foi erguida e inaugurada em 03 de maio 1883. Registros do Jornal “O Mercantil”, conforme figura 5, comprovam o esforço de Benedicto Martiniano para empreender a obra da Igreja.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**

### NÃO EDITORIAL

**Agradecimento**

Havendo o congresso dramático João Caetano movido pelos seus sentimentos de religião e de generosidade, concedido espontaneamente um benefício em auxílio das obras da capella que a devoção de Nossa Senhora do Rosario, com a conjuvação dos fieis, está edificando nesta cidade para o culto da Santissima Virgem, cumpre a mesma devoção o imperioso dever de manifestar por este meio a sua gratidão.

Itceção, pois, o digno presidente e toda directoria, bem como todos os membros do congresso, particularmente os que se dignarão tomar parte na representação, os cordiaes agradecimentos que lhes dirige a humilde, mas, sincera e grata devoção.

Iguaes agradecimentos rendem á illustre commissão que de tão bom grado se incumbio de dirigir os convites, aos senhores que do mesmo modo se encarregarão da recepção dos cartões e offerlas, e enfim, a todas as pessoas que se dignarão accitar os mesmos convites e com suas respeitaveis presenças abrihantiar mais o espectáculo.

A devoção em sua pequenez não pôde retribuir tantos favores, senão dirigindo fervorosos votos á Santissima Mãe de Deos em prol de todos aquelles que pelo seu culto sinceramente se interessão.

---

**PRODUCTO DO BENEFICIO ÁS OBRAS DA CAPELLA DE NOSSA SENHORA DO ROSARIO.**

*Rendimento*

Recebido pela commissão incumbida de promover o beneficio . . . . .	942\$000
Offerlas por alguns cartões não entregues na occasião do espectáculo . . . . .	19\$000
	961\$000

*Despesa*

Com a dama, musica, luzes, ensaiador, ponto, agente, e varios objectos que se comprãõ, como consta das respectivas contas . . . . .	403\$000
Saldo a favor da Beneficiada . . . . .	558\$000
	Rs. . . . . 961\$000

Petropolis, 28 de abril de 1879  
 —BENEDICTO MARTINIANO, procurador da devoção.

### DECLARAÇÕES

**Devoção de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto**

A devoção de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto convida a todos os fieis para concorrerem com suas esmulas e prendas para a festa da mesma santa e santo, que brevemente se fará feita, a qual se annunciara em tempo opportuno, logo que a devoção consiga todos os meios para esse fim.

Os fieis poderão dirigir-se á capella de Nossa Senhora do Rosario, onde acharão o procurador da devoção, para receber dos fieis esmulas e prendas para a já referida festa.

Petropolis, 15 de março de 1887.—  
 O procurador, *Benedicto Martiniano.*

---

**Devoção de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto**

A devoção de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto previne aos fieis que domingo 20 do corrente haverá missa na respectiva capella.

Petropolis, 15 de março de 1887.—  
 O procurador, *Benedicto Martiniano.*

Figura 5 – Mosaico de registros do Jornal O Mercantil sobre as doações para a Irmandade Devoção de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito.

Interessante observar que Benedicto Martiniano, tem bastante fluência com a escrita, uma vez que ele próprio escrevia os textos jornalísticos, convocando fiéis e possíveis doadores para a ordem de devoção. Era ainda um exímio contador, pois regularmente prestava contas dos gastos da irmandade.

As irmandades são associações formadas por leigos, dedicadas ao incremento da devoção aos santos e santas da Igreja católica. Na América quem ficou a cargo dessas



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

associações eram os leigos (a própria população). Foram elas que dinamizaram o incremento do culto católico pelas diversas regiões do vasto território.

“A legislação dotava cada irmandade de autonomia para gestão de seus bens e rendas, que eram arrecadados também por meio de doações de fiéis e das heranças dos irmãos congregados. Cada irmandade era regida por um estatuto ou compromisso, que era submetido à aprovação régia, no qual estava registrada as regras do funcionamento da associação e os direitos e os deveres de seus membros, denominados irmãos ou irmãs”. (ISHAQ, 2018)

A principal característica das irmandades era a sua autonomia. Através da Mesa Administrativa, geriam todos os seus negócios e decidiam sobre todas as questões internas e externas. A mais famosa dentre as inúmeras irmandades de pretos é a de Nossa Senhora do Rosário (QUINTÃO, 2000, p. 163).

As irmandades acompanhavam e enterravam em suas capelas os seus mortos e rezavam missas por suas almas, projetando para além da vida a comunidade étnica terrena. Ainda âmbito da morte, em 1836, as irmandades negras de Salvador, por exemplo, se aliaram as brancas para protestar contra a proibição dos enterros no interior das igrejas. Os irmãos queriam manter um costume que era considerado uma das portas de entrada do Paraíso. Para os afrodescendentes só a associação de uma irmandade garantiria um sepultamento digno.

Segundo Cruz (2007),

“o espaço e o local onde o túmulo ocupava na igreja denunciava a posição que a pessoa ocupava na congregação. Se fossem enterrados no interior dela possuíam melhor condição. Os escravizados, por exemplo, quando tinham o direito da sepultura sagrada, eram enterrados no adro, ou seja, no pátio externo da capela. As irmandades combateram por sua autonomia, pelo direito dos seus membros a uma vida e uma morte dignas. A única igreja a enterrar escravos em seu interior foi a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Um aspecto importante a se ressaltar sobre esta confraria religiosa é que uma irmandade poderia agrupar duas ou mais, como é o caso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos” (CRUZ, 2007).

Somamos as afirmações de Vera Cruz, ao relato do Padre Thomás Dias (2024), que explica em reportagem ao Jornal Tribuna de Petrópolis, que



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**

“(...) as irmandades eram organizações que também se ocupavam da assistência espiritual e material de seus integrantes, tais como assistência na doença e na velhice, apaziguamento de contendas, funerais (...). Seus membros eram os homens mais ricos e importantes da paróquia. Após a morte poderiam ser sepultados dentro da capela mor, nas chamadas carneiras do Santíssimo. E quando muito longe eram geralmente sepultados “de grades para cima” (DIAS, 2024).

Os dados apresentados nos fazem questionar: Onde estão o cemitério e as sepulturas da Igreja do Rosário de Petrópolis? Não há nenhum documento que mencione tais dados na cidade, mas certamente, a exemplo do que ocorreu nas demais Igrejas do Rosário pelo país, a situada em Petrópolis também deve ter tido igual proposta. As estátuas de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito que constam na Igreja ainda são as originais do século XIX. Portanto, se as imagens foram preservadas, por que o restante não foi? Sabemos que essas respostas podem ser dadas pelo *modus operandis* no Brasil quando se trata da memória das populações negras.

As irmandades negras surgiram na Europa muito antes das invasões portuguesas nas Américas, dentro do escravismo imposto as populações negras nas diversas nações europeias. Fenômeno do escravismo criminoso na Europa que é pouco conhecido e discutido na cultura acadêmica e científica brasileira (LAHON, 2001), (SAUNDERS, 1982). Em face de esse desconhecimento muitas das premissas utilizadas na produção do conhecimento no Brasil não leva em consideração nem o passado das populações africanas, que em período anterior dominaram a Península Ibérica e nem as formas de escravismos estabelecidas na Europa durante o período denominado na história europeia de Idade Média e período das trevas.

Na Europa muitas cidades portuguesas e do mediterrâneo tiveram escravismos de populações africanas e a organização de irmandades. Mas é importante destacar que o escravismo na Europa da Idade Média era no início entre populações brancas. Europeus do sul da Europa, de organização cristã escravizavam povos nórdicos, denominados como eslavos e bárbaros.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Os modelos de congregações negras na forma de irmandade de negros foram iniciados na Europa, dentro das formas de escravismo que reproduziu em Portugal, Espanha e Itália. Desde 1400 existiu a propagação de escravismo de africanos na Europa, um fato que é pouco divulgado na cultura do conhecimento no Brasil. Portanto parte das Irmandades Negras no Brasil são parte de uma história de origem em Portugal.

Segundo a tradição católica, a devoção ao Rosário teve início no começo do século XII, quando, através de uma visão, Domingos de Gusmão, um pregador na região de Albi, no sul da França, recebeu da Virgem um método de oração, que contava com a ajuda de contas unidas por um cordão para a invocação (SOUZA, 2001. p. 382). Por décadas a devoção ao Rosário parece ser esquecida, até que, em 1475, têm-se registro de uma Confraria do Rosário, na cidade de Colônia, na atual Alemanha. Em finais do século XV, a devoção ao Rosário já havia sido estabelecida em Portugal. No ano de 1490, “os nobres e o povo acudiram à intercessão da Virgem, por ocasião da peste que nesse ano assolou Lisboa, e logo resolveram levantar, como se levantaram, uma capela com grande aparato” (TINHORÃO, 1988. p.140). A partir de então este culto alcançou grande expressão em território português.

Padroeira de vários segmentos profissionais. Data do mesmo período a chegada, em números cada vez mais expressivos, de africanos nas terras portuguesas, especialmente em Lisboa e em outras cidades portuárias. Aos poucos, o culto ao Rosário foi sendo identificado com a população de origem africana, escravos e libertos. Didier Lahon (2013) ressalta que

“é possível que uma das razões principais que levaram os negros a ingressarem nas Irmandade de Nossa Senhora do Rosário tenha sido a abertura destas a todos os indivíduos, independente de qualidade, estado ou condição” (LAHON, 2013. p. 59-60).

Na Europa cristã dos séculos XV e XVI todas às formas de organização das sociedades tinham uma submissão a igreja e quase nada da vida social poderia ser realizada fora desta instituição. Ele se reproduz nos territórios de invasões europeias. Portanto, a



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

organização das irmandades era uma das únicas formas possíveis de sociabilidade e de representatividade dos grupos populacionais na sociedade. Assim, as irmandades negras foram uma forma inteligente e possível de organização das populações negras com um mínimo de autonomia.

Muitos autores, a partir da década de setenta do século XX, têm voltado seus estudos às populações de origem africana no Brasil, suas experiências, práticas e estratégias no que envolvem a cultura na diáspora. Sendo as Irmandades, segundo o historiador baiano João José Reis, capazes de oferecer

“um ângulo privilegiado para entender a dinâmica de alteridade no interior da comunidade negra no Brasil escravocrata” onde ocorreria “a recriação, no seio das confrarias, de identidades étnicas trazidas da África”, constituem-se uma pista bastante interessante para nossas reflexões. As “Irmandades Negras”, classificação genericamente atribuída a todas as irmandades frequentadas e administrada por africanos e descendentes no Brasil, por vezes são tratadas como bloco homogêneo sendo, no entanto, compostas por uma enorme variedade de arcos, como São Benedito, Santo Elesbão e Nossa Senhora da Conceição, Santa Efigênia, Santo Antônio, (...) e tantos outros. Chama atenção a devoção a Nossa Senhora do Rosário, que parece a mais difundida entre estas. Destacando singularidades, também pela diversidade de grupos de pessoas, nesse caso específico as populações de origem africana, que frequentavam e administravam essas associações. (SIMAO, 2010).

Na sociedade escravista criminosa, as populações negras eram estratificadas e constantemente vigiadas, os escravizados, cercados pela presença dos feitores, viviam sobre constante mando.

Mas parte dessas populações era de escravizados de ganho, um amplo setor de semi-livres, que tinha relativa autonomia na condução dos seus negócios e da moradia, mediante o pagamento de proventos semanais aos escravizadores (REIS, 1989), (POPINIGIS, 2012). Uma parcela da população negra livre, que tinha uma autonomia maior que os semi-livres, eram socialmente condicionados à dominação branca, mesmo sendo, muitas vezes, intelectuais, comerciantes e pessoas de relativa posse.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

A organização desses setores diversos das populações negras explica a produção e o esplendor das Irmandades Negras. Reparem que em todas elas organizaram grandes igrejas, cemitérios, o espaço urbano em torno das igrejas tinha tendas de negócios das populações negras. As irmandades negras foram combatidas e desbaratadas sistematicamente pela República, como forma de impor a continuidade da dominação branca sobre as populações negra, durante o período da pós-abolição.

Além de se constituírem como espaço de liberdade e de autonomia, elas produziram a única forma de associativismo da população que era permitido. Através desse associativismo das irmandades produziram diversas estratégias de suporte à comunidade negra, como a realização de escolas, assistência social e de saúde, assistência funerárias e a formação de caixa econômica para compras de alforrias. As irmandades negras constituíram um fenômeno urbano que se estendeu por todas as cidades brasileiras, sendo muitas das igrejas demolidas pelas reformas urbanas no período republicano. As irmandades formavam em torno das igrejas um território de população negra, com muitos negociantes e quitadeiras negras, compravam imóveis e realizavam negócios diversos, a exemplo Recife que formaram um liga de construtores e uma escola técnica de construção e arquitetura.

As Irmandades Negras sempre tiveram uma gestão democrática atrás de dois corpos de juízes, um corpo feminino de juízas e outro masculino de juízes, sem discriminação entre os membros livres ou escravizados, congregando membros das religiões de matriz africana, ao lado de muçulmanos e cristãos. São um grande marco urbano de representação das populações negras.

#### **4. AS REFORMAS URBANAS EM PETRÓPOLIS E A MUDANÇA DA IGREJA**

A capela de Nossa Senhora de Rosário, conforme a figura 6, foi erguida e inaugurada em 03 de maio 1883, após arrecadação de muitos fundos em eventos beneficentes organizados pela Irmandade, sua missa inaugural ocorrida no dia 6 de maio de 1883 foi presenciada até mesmo pelo Imperador D. Pedro II e sua família.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
**Circulações e Produções Culturais Negras**  
**nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem**



Figura 6 – A Igreja N. S. do Rosário dos Pretos no século XIX em Petrópolis (ROSÁRIO NEGRO, 2023).

Com o fim do Império e o início da República, em 1898, mudanças na legislação fazem com que a Irmandade passe a ser uma Confraria, pois além de poder abrigar outras ordens religiosas permitiria que as mulheres liderassem e elas poderiam continuar a realizar o trabalho assistencialista (DIAS, 2024).

Entretanto, no limiar do século XX, sem o apoio dos antigos apoiadores e com a crescente onda moralista que se instaura na cidade a partir do período republicano, a Confraria passa por severas crises financeiras, mas ainda assim, conseguem angariar fundos para realizar uma reforma na igreja que já apresentava deteriorações, a reforma ocorrerá em 1935, como podemos observar na figura 7.

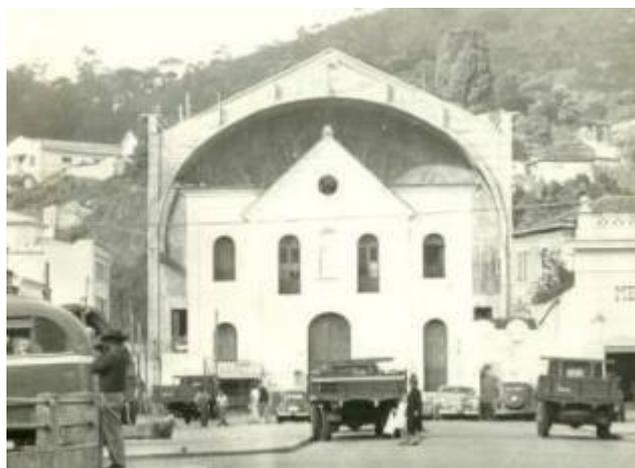
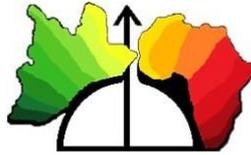


Figura 7 - Foto da Igreja reformada pela Confraria Negra (TRIBUNA DE PETRÓPOLIS, 2016).



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

Uma questão muito citada nas reportagens da época são os crescentes problemas ligados ao sanitarismo. A vida da Igreja se misturava aos produtores e consumidores do Mercado Público, ao lado, que era o maior centro de abastecimento hortifrutigranjeiro da cidade. O mercado recebia diariamente enormes cargas de animais vindos do distrito rural de São José do Vale do Rio Preto (atualmente um município emancipado). Segundo o professor e historiador Oazinguito Ferreira da Silveira Filho (2016), o mercado comportava duas salsicharias e três açougues, dois de carne fresca e um de porco. Além disso, na calçada ao lado do mercado ainda eram vendidos frangos. Tais atividades criavam um 'odor de carniça' que incomodava o Hotel Royal, situado nas imediações e o pároco da Igreja do Rosário. A situação se agrava com as denúncias dos problemas sanitários que envolvem o local e o anúncio, por parte do poder público, de que o Mercado Público passaria a ficar no terreno a frente da Igreja.

Com o passar das décadas a histórica Capela, palco de grandes acontecimentos religiosos na localidade (O Mercantil), sofreu com a ação do tempo, encontrava-se em péssimas condições patrimoniais exigindo urgentes reparos. Muito se discutiu sobre sua existência e a concorrência ao "rebanho" da Igreja Matriz, até mesmo da construção de um novo mercado no terreno à sua frente que foi por questões sanitárias um determinismo público de época, uma disputa política que quase conduziu a capela a sucumbir não fosse a luta de seus fiéis e a forte presença do então vigário da nova Matriz (Catedral), apaixonado por sua história (SILVEIRA FILHO, 2016, p. 16).

Na citação anterior, o historiador comenta sobre a existência de uma concorrência entre o público da Igreja matriz (a Catedral) de Petrópolis – que sempre esteve ligada a elite política e econômica da cidade – e os fiéis da Igreja do Rosário, que em sua maioria eram pessoas negras e demais populares da cidade, especialmente dos moradores da rua do Imperador e das comunidades circunvizinhas: 24 de maio e Floresta (SILVEIRA e FILHO, 2016, p.16), ambas comunidades são bairros negros.

A partir dos anos 40 vários são os relatos de dívidas não pagas pela Confraria. A situação se agrava após a morte da última membra-fundadora da Irmandade: Ana Luiza Jorge falece aos 110 anos na cidade de Inhaúma (DIAS, 2024).



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

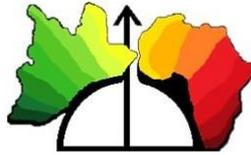
Tais fatos, associados a uma manobra política liderada pelo Monsenhor Gentil em 1953 em conjunto com um prefeito populista da época, permitiram que em maio de 1953 o início das obras de construção da nova Igreja do Rosário.

Em 31 de maio de 1953, ocorreu o lançamento da pedra fundamental da nova igreja, a ser construída pela empresa de Manoel Corrêa Ltda (Petrópolis) que contratou a Estacas Franki Ltda do Rio de Janeiro de fundações para preparar o terreno. A inauguração parcial ocorreu em dezembro de 1958, sendo neste ano que o Monsenhor Gentil rezou sua última missa (7) na antiga capela do Rosário antes da derrubada definitiva (SILVEIRA FILHO, 2016, p. 16).

Podemos perceber no relato do professor Oazinguito Ferreira, que apesar de muitas fontes falarem da total destruição da capela antiga para a realização da nova Igreja, cinco anos após o início das obras a capela antiga ainda estava intacta, possibilitando a realização de uma última missa em dezembro de 1958.

O padre Thomás Dias relata que após a última missa o templo da antiga capela foi demolido. A nova igreja foi inaugurada em 1978, quando a Confraria desapareceu dos documentos e da cidade. Mas, segundo o padre: “É certo que em 1971 ainda existia a Irmandade da Igreja do Rosário de Petrópolis pois ela estava presente na frente da Catedral de Petrópolis, aguardando a chegada dos corpos da Princesa Dona Isabel e do Conde D’Eu” (DIAS, 2024).

O que aconteceu com a Irmandade ou a Confraria Negra do Rosário em Petrópolis? Acreditamos que o racismo institucional, somado as políticas higienistas do Brasil do século XX e a plena vigência da Ditadura Militar, que endureceu suas ações na primeira metade dos anos 70, década em que as obras da nova Igreja foram finalizadas, podem nos dar pistas sobre o misterioso desaparecimento da irmandade antes do fim das obras que destruíram a memória desse grande patrimônio do povo negro na cidade de Petrópolis.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

## **5. DISCUTINDO A PRODUÇÃO DA IDENTIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA E AS POLÍTICAS DO PRESENTE.**

Durante o escravismo criminoso, que representa o maior período da história do Brasil, todas as cidades brasileiras nascem do fazer das populações negras em diversos dos aspectos da vida urbana. As populações negras eram a grande maioria populacional urbana e supriam a cidades de todas as suas necessidades.

Todos os conhecimentos (conhecimentos e não apenas saberes) das diversas profissões e fazeres urbanos eram supridos pelas populações negras. Todos os trabalhos eram também realizados pelas populações negras. A prática de um determinado trabalho envolve conhecer, pensar e executar. Na execução dos trabalhos não se separa pensamento da execução. Imaginar a prática separada dos conhecimentos é uma visão eurocêntrica e de dominação escravista para legitimar que manda sobre quem trabalha. As populações negras foram responsáveis por inúmeros tipos de trabalhos no Brasil. Os brancos portugueses escravizadores eram renegados de Portugal, em muitos casos exilados e desvalidos da vida portuguesa. Na sua quase totalidade, eram pessoas analfabetas e sem profissões, apenas outorgados do domínio da força militar e do poder das leis desumanas e criminosas do escravismo. As populações negras eram as que moviam a economia, embora o resultado fosse apropriado pelos escravizadores criminosos.

As invasões portuguesas tanto nas Américas como na África, eram em solos e climas tropicais, que diferia dos solos e situação climática de Portugal. Tais aspectos naturais determinam as agriculturas, as pecuárias, a mineração e os materiais utilizados em todas as atividades econômicas. Sendo assim os detentores de todos os conhecimentos produtivos eram as populações de africanos e descendentes.

Em conformidade com essa perspectiva de análise, percebemos que em Petrópolis o mesmo ocorreu. A Igreja do Rosário ficava perto de um mercado que era abastecido por

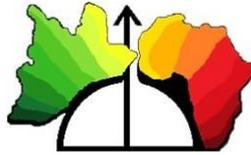


**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

um distrito rural, onde a maior parte da população é negra. Ao lado da Igreja, havia uma estação de trem, muitos estudos (CUNHA JÚNIOR, 2020 e 2023); apontam que os ofícios ligados a realização, manutenção e funcionamento de uma ferrovia e suas estações, eram realizadas por populações negras. Em frente a Igreja havia uma fonte de água potável, que certamente era frequentada por mulheres e homens negros que faziam o serviço de recolhimento dessa água para os serviços gerais diários das residências da corte Imperial e demais abastados que adquiriam segundas residências no centro histórico.

Portanto, afirmamos que a história incompleta sobre a Irmandade do Rosário e de São Benedito em Petrópolis, que depois passou a se denominar Confraria do Rosário, assim como a destruição da memória da antiga Igreja construída pela Irmandade e o possível cemitério, certamente estão relacionadas ao racismo institucional, que produziram vários crimes: 1) destruição de Patrimônio Histórico; 2) Pilhagem histórica – com o apagamento dos membros iniciais que deram origem a Igreja e a Irmandade com a exaltação de um padre que destruiu a história da Igreja e sua Irmandade; 3) Invasão de terrenos privados – a região da praça era parte do patrimônio herdado pela irmandade e ali fizeram uma praça pública sem o consentimento dos membros da Irmandade; 4) Vilipêndio de cadáver, pois onde estão os restos mortais de Benedito Martiniano e os demais membros da Irmandade? Como eles eram escravizados e sem posses, como afirma a documentação histórica, onde mais poderiam ser sepultados além da Igreja, seu único patrimônio? Apesar de não haver informações sobre um cemitério no templo antigo, nem nas áreas ao redor da antiga capela, o fato de todas as irmandades negras terem um cemitério, ou sepulturas de seus membros mais ricos e a associação de Petrópolis não ter os registros, nos faz pensar que tais registros podem ter sido ocultados, ou destruídos, intencionalmente.

## **6. CONCLUSÕES**



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

O apagamento dessa e tantas outras memórias negras na cidade nos faz pensar no projeto branqueador de cidade, pelos quais as autoridades oficiais sempre buscam imprimir na imagem de Petrópolis: 1º) a Cidade Imperial (título criado pelo decreto federal nº 85.849 de 1981); 2º) a ideia de que, em Petrópolis, não havia escravismo criminoso, o que pode ser desmentido com várias publicações em Jornais da época de um Clube de vendas de escravizados, em plena rua do Imperador, e a existência de um pelourinho na principal praça da cidade, atualmente chamada de Praça da Liberdade (pois eram onde abolicionistas e pessoas negras influentes e ricas, compravam a alforria de muitos escravizados); 3º) a cidade colônia de alemães, com um grande aporte financeiro para a anual Bauernfest (a festa do Colono Alemão), que é a segunda maior festa em homenagem a cultura germânica no país.

Mas o que não quer calar são os números, com um terço da população se declarando preta ou parda (IBGE, 2022), a cidade é a segunda no Estado do Rio de Janeiro em denúncias de crimes de racismo, segundo dados do COMPIR (Comissão Municipal para a Igualdade Racial). Outro registro é a ocultação do nome do Barão de Guaraciaba – o único barão negro do Brasil, como último dono do Palácio Amarelo, que atualmente sedia a Câmara dos Vereadores. Todas as casas do centro histórico de Petrópolis têm uma placa indicativa com o nome das famílias que eram donas dos casarões do século XIX. A única residência, um palacete, que não tem essa referência é justo aquela que foi residência de homem negro histórico, que foi vizinho de frente do Palácio Imperial, residência que atualmente sedia o Parlamento Municipal.

Diante de tantos indícios, entendemos que as sucessivas tentativas de apagamento histórico dos patrimônios negros da cidade de Petrópolis, em especial, o caso da Igreja do Rosário, é mais um episódio criminoso de nossa história, que comprova como o racismo institucional promove uma espécie sofisticada de racismo ambiental – pois expropria territórios e patrimônios da população negra, além de lhes tirar a centralidade das ocupações, relegando essa população para a periferia e as áreas de risco. Ele



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

também cria um sentimento de inferioridade: sequer os restos mortais dos membros fundadores da irmandade foram protegidos e dignificados.

Por fim, ocorre o sentimento de não pertencimento das populações negras em sua própria territorialidade, o que contribui para a manutenção das desigualdades e exclusões sociais que se perpetuam por quase 150 anos do pós-abolição na cidade.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, José Antônio dos S. **Almanak**: Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Casa dos Editores-Proprietários H. Laemert, 1881. p. 32 Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Almanak\\_administrativo\\_mercantil\\_e\\_indus/c](https://www.google.com.br/books/edition/Almanak_administrativo_mercantil_e_indus/c) Acesso em 2/10/2024.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. “Bairros Negros, a Forma Urbana das Populações Negras no Brasil: Disciplina da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo” In: **Revista Crítica e Sociedade**. Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. “História dos afrodescendentes: disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará”. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 232 – jan./fev. 2022. p. 99-113 \_\_\_\_\_. “Bairros Negros e Cidades Negras: Conceitos Necessários para a Inclusão das Populações Negras nas Histórias das Cidades Brasileiras”. *Revista Campo Da História*, 8(1), 2023. pp 273–286. Disponível em: <https://doi.org/10.55906/rcdhv8n1-017> Acesso em: 10/5/2024.

\_\_\_\_\_. “Escravidão Criminosa”. In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 241, jul/ago/set, 2023.

CRUZ, Tereza. “As irmandades religiosas”. In: **PerCursos**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 03-17, jan. / jun. 2007

DIAS, Thomás (Pe). **O Rosário de Petrópolis: sua irmandade e seus templos**. Disponível em: <https://tribunadepetropolis.com.br/noticias/o-rosario-de-petropolis-sua-irmandade-e-seustemplos/> Acesso em: 12/10/2024.

IBGE. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/> Acesso em 20/07/2022.



SALVADOR E SUAS CORES [2024]  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

ISHAQ, Vivien. “Irmandades”. In: BRASIL. **O Arquivo Nacional e a História Luso-brasileira**, 2018. Disponível em: <https://historialuso.an.gov.br/index>. Acesso em 4/10/2024.

LAHON, Didier. “Da Redução da Alteridade a Consagração da Diferença: As Irmandades Negras em Portugal (Séculos XVI-XVIII)” In: **Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/6002> Acesso em: 10/10/2024.

MUSEU IMPERIAL. **Trabalhos da Comissão do Centenário de Petrópolis**. Petrópolis: PMP, 1942 e 1986.

ROSÁRIO NEGRO. **Documentos**. Disponível em: <https://www.rosarionegro.com.br/documentos> Acesso em: 12/11/2023.

SOARES, Mariza de Carvalho. **Devotos da Cor: Identidades étnicas e religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SCARANO, Julita. **Devoção e Escravidão: A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos no Distrito Diamantino no século XVIII**. São Paulo: Ed. Nacional, 1978. p. 131.

REIS, João José. **A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 49.

QUINTÃO, Antônia A. **Irmandades Negras: outro espaço de luta de resistência (São Paulo 1870-**

**1890)**, São Paulo, Annablume: Fapesp, 2000, p. 163

SAUNDERS, A. C. de C. M. **História social dos escravos e libertos negros em Portugal (1441- 1555)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

SIMAO, Maristela. **As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e os Africanos no Brasil do Século XVIII** (dissertação). Lisboa: Universidade de Lisboa, 2010.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira. “Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos de Petrópolis”. In: **Jornal Tribuna de Petrópolis**. Petrópolis, 31 de jan. 2016, p. 11.

SILVA, Renata. **Afroinscrições em Petrópolis: história, memória e territorialidades**. Tese (Doutorado) Fortaleza: UFC (Universidade Federal do Ceará), 2018. Disponível em: [https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/47694?locale=pt_BR) Acesso em: julho/2024.

SODRÉ, Muniz. **Fascismo da Cor: uma radiografia do racismo nacional**. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUPETRÓPOLIS. **Você sabia que a Igreja do Rosário tem o nome original de Igreja do Rosário dos Homens Pretos?** Disponível em: <https://soupetropolis.com/2023/06/01/voce-sabiaque-a-igreja-do-rosario-tem-o-nome-original-de-igreja-do-rosario-dos-homens-pretos/> Acesso em: 10/9/2024.



**SALVADOR E SUAS CORES [2024]**  
Circulações e Produções Culturais Negras  
nas Cidades Afro-diaspóricas no Atlântico Sul Hoje e Ontem

SOUZA, Juliana Beatriz de Souza. “Viagens do Rosário: entre a Velha Cristandade e o AlémMar”. In: **Revista Estudos Afro-Asiáticos**, Ano 23, nº 2, 2001. p. 382.

TINHORÃO, José Ramos. **Os negros em Portugal**: Uma presença silenciosa. Lisboa: Ed. Caminho, 1988. p. 140.

WALLACE, Susan [tradução: Cristina Paixão Lopes]. **Santa Bakhita do Sudão**. São Paulo: Paulinas, 2008.